

## Relatório Final:

**Uma vitória leva à outra no Amazonas**

**PROJETO**

**DEIXA  
A MANA  
JOGAR**

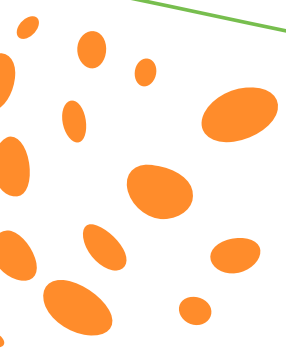
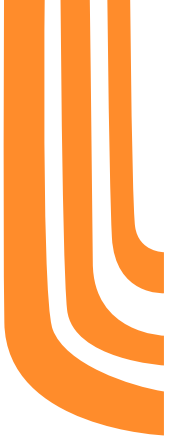
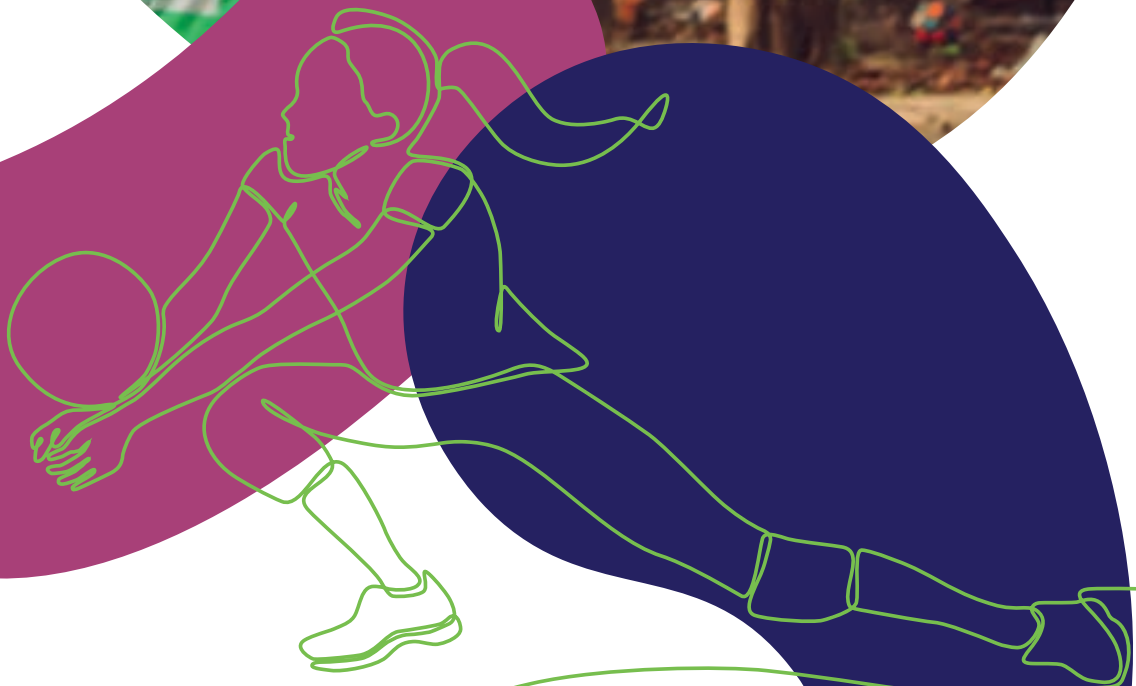


Parceria:

Secretaria de  
Educação e  
Desporto



**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO





# **Relatório Final:**

## **Uma vitória leva à outra no Amazonas**

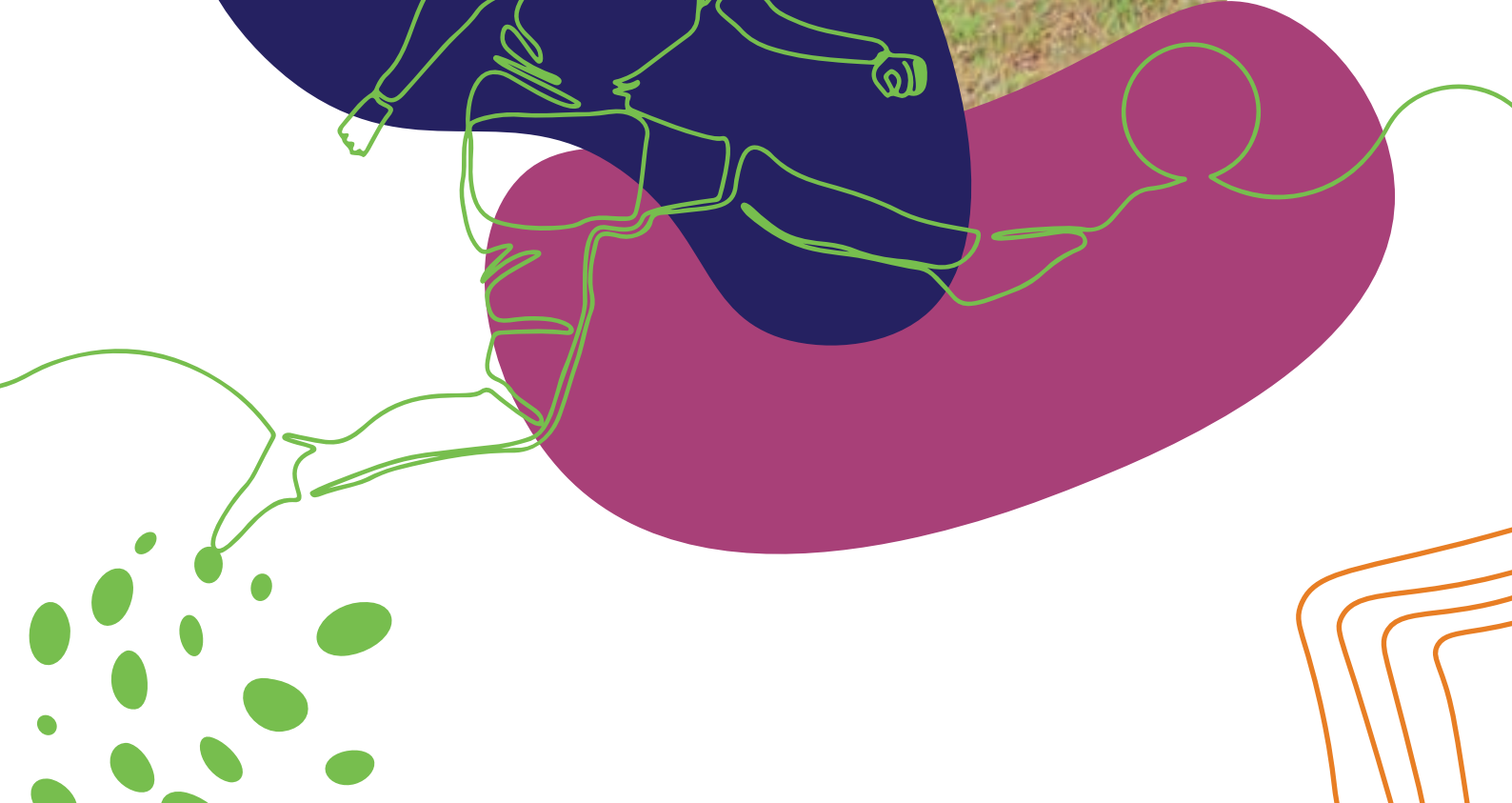
Fundação Amazônia Sustentável (FAS)  
Manaus, 2022

Parceria:

Secretaria de  
**Educação e  
Desporto**



**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO



# FICHA TÉCNICA

## Fundação Amazônia Sustentável (FAS)

### Superintendência

**Virgílio Viana** - Superintendente Geral

**Valcléia Solidade** - Superintendente de Desenvolvimento Sustentável de Comunidades

**Victor Salviati** - Superintendente de Inovação e Desenvolvimento Institucional

**Luiz Villares** - Superintendente Administrativo-Financeiro

**Michelle Costa** - Superintendente de Gestão e Planejamento

### Programa de Soluções Inovadoras (PSI)

**Gerência:** Gabriela Sampaio

**Consultora Supervisora do Projeto:** Juliana de Souza Gonçalves

**Consultor Especialista em Gênero:** Natã Souza

**Consultora de Educação Física:** Maria Emília Pontes

**Consultoria de Diagnóstico do Projeto:** Amanda Pimentel

**Voluntários do Projeto:** Eugênio Ribeiro (Unilever), César Alves Ferragi (UFSCar) e Renan Marinelli Simionato (UFSCar), Thais Kokama (Grafismo Indígena Kokama), Valcléia Solidade (FAS), Lucas Sarraff (FAS), Bruna Lima Queiroz da Silva (FAS), Gabriela Marinho (Advogada), Ana Vitória Gomes (Coletivo As Amazonas), Nathalia Cavalcante (Coletivo As Amazonas), Thais Zuanetti (Fotógrafa), Raquel Santos - Kina (Artista de Grafite).

**Transporte da equipe para as comunidades:** Ezequias Oliveira

### Relatório Final: Uma vitória leva à outra no Amazonas

**Texto:** Amanda Pimentel, Juliana de Souza Gonçalves, Maria Emília Pontes e Natã Souza Lima

**Revisão:** Letícia Ávila

**Projeto gráfico:** Up Comunicações

**Fotografia:** Emile Gomes

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Relatório final [livro eletrônico] : uma vitória  
leva à outra no Amazonas / [Fundação Amazônia  
Sustentável]. -- Manaus, AM : Fundação  
Amazônia Sustentável, 2022.  
PDF.

Vários autores.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-89242-76-5

1. Amazonas 2. Educação - Amazônia 3. Educação  
física 4. Esportes 5. Esportes - Aspectos sociais  
I. Fundação Amazônia Sustentável.

22-112712

CDD-370.1934

### Índices para catálogo sistemático:

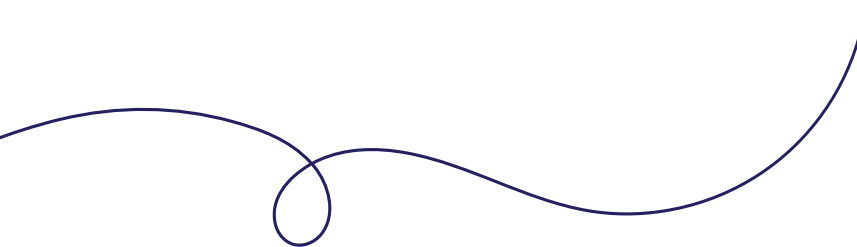
1. Educação : Aspectos socioculturais : Sociologia  
educacional 370.1934

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



# SUMÁRIO

|                                     |           |
|-------------------------------------|-----------|
| <b>1. Contexto</b>                  | <b>08</b> |
| 1.1 Do que se trata o projeto?      | 08        |
| 1.2 Objetivos                       | 10        |
| 1.2.1 Objetivo geral                | 10        |
| 1.2.2 Objetivos específicos         | 10        |
| 1.3 Metodologia aplicada            | 10        |
| 1.4 Impactos esperados              | 10        |
| 1.5 Pilares do projeto              | 10        |
| 1.6 Ecosystema de atores do projeto | 12        |
| <b>2. Diagnóstico do projeto</b>    | <b>15</b> |
| 2.1 Qual o seu objetivo?            | 15        |
| 2.2 Qual a metodologia utilizada?   | 15        |
| 2.3 Benchmarking                    | 15        |
| 2.3.1 ONU Mulheres e EMPODERA       | 15        |
| 2.3.2 Fundação EPROCAD              | 15        |
| 2.3.3 Think Olga                    | 15        |
| 2.4 Referencial teórico             | 16        |
| 2.5 Entrevistas                     | 16        |



### **3. Caracterização das comunidades.....17**

#### **3.1 A Comunidade Tumbira.....21**

#### **3.2 A Comunidade Três Unidos.....24**

### **4. Implementação: módulos, oficinas e atividades esportivas.....27**

#### **4.1 Atividades esportivas.....28**

#### **4.2 Oficinas teóricas.....41**

##### **4.2.1 Oficina - Gênero e identidade de gênero .....41**

##### **4.2.2 Oficina - Comunicação não-violenta .....43**

##### **4.2.3 Oficina - Autoestima e relações étnico-raciais.....45**

##### **4.2.4 Oficina - Violação de direitos e bullying .....46**

##### **4.2.5 Oficina - Saúde menstrual e sororidade.....49**

##### **4.2.6 Oficina - Oportunidade, carreiras e futuro.....51**

### **5. Avaliação final do Projeto.....52**

### **6. Conclusões.....57**



# 1. Contexto

## 1.1. Do que se trata o projeto?

---

O projeto “Uma vitória leva à outra no Amazonas” é uma iniciativa da Fundação Amazônia Sustentável, em parceria com a Secretaria de Estado de Educação e Desporto - SEDUC, através de Emendas Parlamentares nº. 006/2020 e 007/2020. O projeto é inspirado no programa “Uma vitória leva à outra”, desenvolvido pela ONU Mulheres e pelo Comitê Olímpico Internacional<sup>1</sup>, que tem como objetivo implementar uma iniciativa de desporto escolar por meio da promoção de atividades esportivas e de oficinas de aprimoramento de autoestima, liderança, habilidades para o futuro e conhecimento sobre temas como saúde e violência.

Pioneiro no Amazonas e em comunidades ribeirinhas, o nome do projeto se popularizou como “Deixa a Mana Jogar” e teve sua atuação em duas escolas pertencentes às comunidades dos municípios de Iranduba e Manaus, no estado do Amazonas. As escolas escolhidas para a realização do projeto foram: Escola Estadual Doutor Thomas Lovejoy (comunidade Tumbira - RDS do Rio Negro) e Escola Estadual Samsung (comunidade Três Unidos - APA do Rio Negro).

O Projeto foi desenvolvido em três fases: (1) diagnóstico orientador sobre a temática de gênero nas comunidades foco do projeto; (2) elaboração de plano de ação, com delimitação das atividades esportivas e teóricas realizadas ao longo do projeto; (3) implementação do projeto “Deixa a Mana Jogar” nas comunidades Tumbira e Três Unidos.

<sup>1</sup> Para informações mais detalhadas sobre o projeto, acessar o seguinte endereço eletrônico: <http://www.umavitorialevaaoutra.org.br/>





Fotos: Emile Gomes

## 1.2. Objetivos

---

**1.2.1. Objetivo geral:** reduzir os estereótipos de gênero e demais comportamentos nocivos associados às meninas e mulheres por meio da realização de atividades esportivas inclusivas e da promoção de oficinas que trabalhem temas importantes, como autoestima, liderança, saúde, prevenção à violência, carreira e oportunidades para o futuro.

**1.2.2. Objetivos específicos:** desenvolver estratégias de construção de ferramentas para discutir equidade de gênero em comunidades vulneráveis no interior do Amazonas; comunicar e engajar diferentes atores na temática de gênero; e avaliar e elaborar uma proposta de expansão do projeto para outras localidades do Amazonas.

## 1.3. Metodologia aplicada

---

A metodologia aplicada no projeto é a do Futebol 3, que desenvolve uma partida de futebol mista entre meninas e meninos, dividida em “três tempos”: uma discussão pré-jogo sobre as regras da partida, a prática do jogo em si e para finalizar, uma discussão pós-jogo que incorpora lições-chaves de vida, como igualdade de gênero, solidariedade e respeito.

## 1.4. Pilares do projeto

---

A metodologia aplicada no projeto é a do Futebol 3, que desenvolve uma partida de futebol mista entre meninas e meninos, dividida em “três tempos”: uma discussão pré-jogo sobre as regras da partida, a prática do jogo em si e para finalizar, uma discussão pós-jogo que incorpora lições-chaves de vida, como igualdade de gênero, solidariedade e respeito.





Jogo de voleibol na Comunidade Tumbira. Foto: Emile Gomes

## 1.5. Ecossistema de atores do projeto

O projeto foi realizado através de duas emendas parlamentares que foram concedidas pela Secretaria de Estado de Educação e Desporto - SEDUC, tendo a Fundação Amazônia Sustentável como executora do projeto. Para a concretização da iniciativa, são necessárias as mobilizações de diferentes atores do projeto, indicados na figura abaixo:



Figura do Ecossistema do Projeto

As cores indicadas em preto indicam os principais atores que estarão em campo e na execução do projeto: os adolescentes que são o público alvo do projeto, os educadores que farão a mobilização dos alunos e alunas e a FAS, que organizará e executará as atividades.

Os apoiadores principais aos atores das atividades centrais são: SEDUC, os líderes das Comunidades e os gestores dos Núcleos. A Secretaria de Educação (SEDUC) tem como papel a mobilização dos professores, diretores e alunos, determinando o calendário escolar e participação desses alunos e alunas nas atividades. É a SEDUC quem determina e aprova as atividades e calendário do projeto, sendo uma das principais tomadoras de decisão da iniciativa.

Os gestores do Núcleo são funcionários da FAS, responsáveis pelos Núcleos e que fazem a organização e ponte para os projetos. Em cada núcleo, há um gestor atuante, sendo os responsáveis: no Tumbira, Alberta Pacheco, e no Três Unidos, Ferdinando Amorim, respectivamente. Os líderes da comunidade são pessoas com importante influência na organização estrutural da comunidade.

Por fim, tivemos os atores de apoio que permitiram a viabilização do projeto: SEMA, Governo do Amazonas e o Poder Legislativo, que se disponibilizaram e viabilizaram a realização do projeto.

A concretização do projeto só foi possível através da participação de voluntários e voluntárias que realizaram de forma gratuita as oficinas presenciais nas comunidades. São estes: Eugenio Aquino (Unilever), César Alves Ferragi e Renan Marinelli (Universidade Federal de São Carlos), Thais Kokama (Grafismo Indígena Kokama), Gabriela Marinho (Advogada), Thais Zuanetti (Fotógrafa), Ana Vitória Gomes (Coletivo As Amazonas) e Nathalia Cavalcante (Coletivo As Amazonas) e Kina (Artista de Grafite). Além disso, o projeto teve atuação de integrantes da FAS: Valcleia Solidade - Superintendente da FAS, Lucas Sarraff - auxiliar de projetos da Agenda Indígena e Bruna Lima Queiroz - Educadora Social do Projeto DICARA (Desenvolvimento Integral da Criança e Adolescente Ribeirinho da Amazônia).





Aluna da Comunidade Três Unidos. Foto: Emile Gomes



## 2. Diagnóstico do projeto

### 2.1 Qual o seu objetivo?

O principal objetivo do diagnóstico consistiu em identificar as características e dificuldades enfrentadas pelas alunas e alunos das escolas atendidas nas comunidades foco do projeto.

### 2.2 Qual a metodologia utilizada?

Foram realizados benchmarkings das iniciativas já implementadas sobre o tema, entrevistas com stakeholders, além de levantamento do referencial teórico do tema.

## 2.3 Benchmarking



### 2.3.1 ONU Mulheres e EMPODERA



A metodologia do projeto é inspirada na iniciativa da ONU Mulheres, que aplica o programa do Rio de Janeiro, juntamente com a Empodera, para levar práticas esportivas alinhadas aos conceitos de gênero para meninas adolescentes.



### 2.3.2 Fundação EPROCAD

A Fundação Eprocad apresentou um novo conceito de metodologia colaborativa do futebol para o projeto: o futebol em três tempos, que integra meninas e meninos de forma inovadora.



### 2.3.3 Think Olga

A Think Olga trouxe uma perspectiva e amplitude da temática de violência de gênero nas comunidades ribeirinhas, com um diagnóstico completo sobre o contexto atual.

## 2.4 Referencial teórico

Identificação e leitura de artigos de revisão de literatura, artigos acadêmicos e relatórios de pesquisas publicados sobre o tema da infância, adolescência e gênero no Brasil.

## 2.5 Entrevistas



**12** professoras e professores de escolas públicas



**45** alunas e alunos entre 13 e 17 anos

### 4 eixos temáticos:

#### Liderança

Atividades de cuidado da casa e dos filhos foram majoritariamente associadas às mulheres, mesmo quando ambos os pais trabalham fora de casa. Atividades relacionadas ao turismo, como artesanato, restaurante e limpeza também foram associadas às mulheres. Já as relacionadas à força, pesca e marcenaria foram referenciadas aos homens.

#### Violência

20% relataram ter presenciado situações de violência de gênero. Quando perguntadas/os se **conheciam alguém** que havia sofrido algum tipo de violência, a porcentagem de respostas afirmativas **subiu para 35,5%**.

#### Autoestima

A ideia do “branco” como equivalente ao padrão de beleza foi percebida nas falas de alunas e alunos durante as entrevistas. Houve situações do não reconhecimento da sua cor ou grupo étnico.

Raça/Etnia



## Saúde e sexualidade

Grande parte afirmou **nunca** ter participado de qualquer evento sobre **educação sexual** e demonstrou pouca curiosidade ou conhecimento sobre o assunto. A maioria afirmou ainda não ter tido a primeira relação sexual e criticou a possibilidade de relações sexuais no primeiro encontro.

Meninas  
que já tiveram relações sexuais



Sim

Meninos  
que já tiveram relações sexuais



Sim

## 3. Caracterização das comunidades



Mapa de Núcleos da FAS

Fonte: Fundação Amazônia Sustentável (2021)

Para implementar o projeto, foram escolhidas duas comunidades rurais pertencentes às unidades de conservação do estado do Amazonas: a comunidade Tumbira, pertencente à Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Rio Negro, no município de Iranduba, que está indicado pelo Núcleo Agnello Uchoa Bittencourt (número 5 no mapa acima) e a comunidade Três Unidos, pertencente à Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Negro e Reserva de Desenvolvimento Sustentável Puranga Conquista, no município de Manaus, Núcleo Assys Manana, (indicado número 6 no mapa acima).

A escolha por essas comunidades justifica-se por dois motivos: 1) pela diversidade ambiental do estado do Amazonas e pelo alto número de comunidades pertencentes a áreas ambientalmente protegidas e 2) pela proximidade das localidades escolhidas de centros urbanos, o que facilita o acesso e a troca de informações entre os atores envolvidos na execução do projeto.

Mais de 90% de todo o território do estado do Amazonas é coberto pela floresta amazônica brasileira, da qual 12,1% corresponde a Unidades de Conservação, segundo dados mais recentes disponibilizados pela Secretaria de Meio Ambiente do estado (2021)<sup>2</sup>. A grande presença de áreas ambientalmente protegidas no território amazonense justifica-se não apenas porque o estado conta com grande biodiversidade natural, marcado pela riqueza de bens naturais e por uma exuberante flora, mas também porque foi pioneiro na aprovação, em 2007, de uma legislação que subsidia a criação de um Sistema Estadual de Unidades de Conservação (SEUC), assim como órgãos que pudessem assessorar o estado na gestão das unidades.

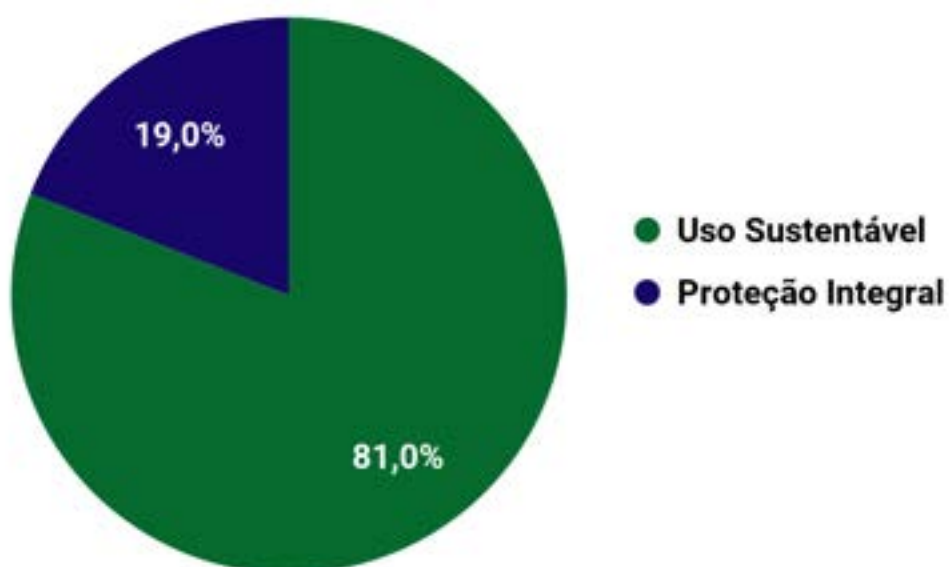
Atualmente, o Amazonas abriga 42 unidades de conservação, sendo a maior parte delas de uso sustentável (81%) e uma menor parcela de áreas de proteção integral (19%), conforme especificado pelos gráficos abaixo<sup>3</sup>. Ademais, quanto a categoria, a maior parte das unidades é classificada como reserva de desenvolvimento sustentável (38,1%), seguida por florestas naturais (19%), parques estaduais (16,7%), áreas de proteção ambiental (14,3%), reservas extrativistas (9,5%) e reservas biológicas (2,4%), respectivamente.

<sup>2</sup> Dados disponíveis no site da Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Amazonas.

<sup>3</sup> As Unidades de Conservação de uso sustentável têm como o objetivo compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável dos recursos naturais e as unidades de proteção integral também objetivam preservar a natureza, mas nelas é admitido apenas o uso indireto dos recursos naturais.

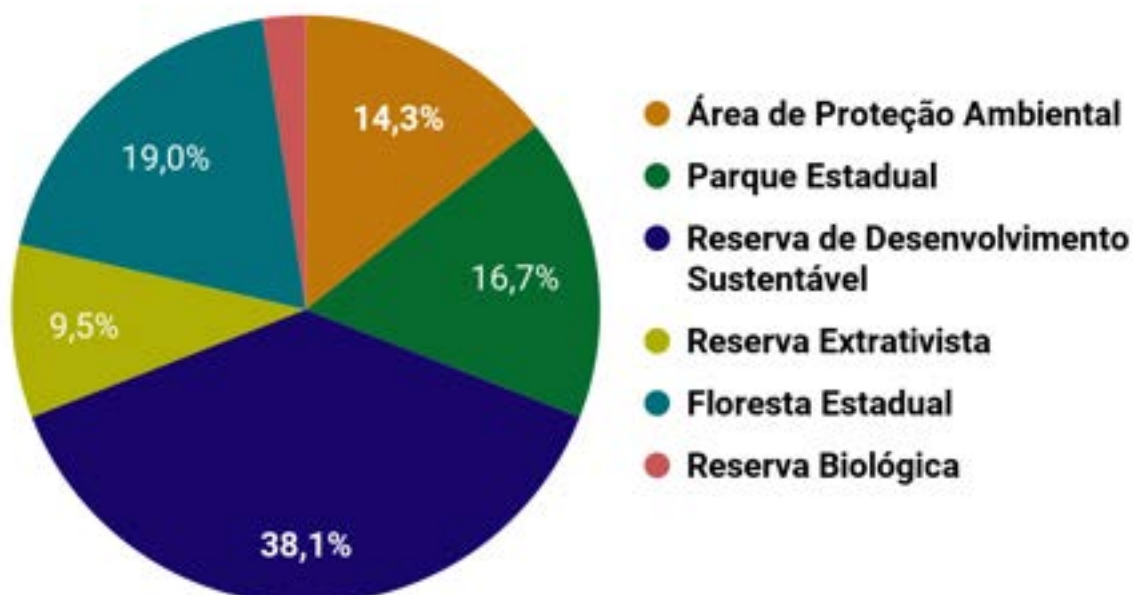


## Unidades de Conservação no Amazonas por Grupo



Fonte: Tabela construída pelos autores a partir de dados disponibilizados pela SEMA/AM (2021)

## Unidades de Conservação no Amazonas por Categoria



Fonte: Tabela construída pelos autores a partir de dados disponibilizados pela SEMA/AM (2021)

Segundo a Secretaria de Meio Ambiente do Amazonas, dentro das 42 unidades de conservação do estado, existem 26.431 famílias, divididas em 1.030 comunidades. A Fundação Amazônia Sustentável, em parceria com órgãos estaduais governamentais, atua em muitas destas comunidades através de projetos que visam a conservação ambiental e a mitigação de alterações climáticas, como os programas Floresta em Pé e Programa Bolsa Floresta, que consistem, respectivamente, em pagamento por serviços e produtos ambientais às comunidades tradicionais pelo uso sustentável dos recursos naturais e em transferência de renda às famílias moradoras das comunidades.

Conforme já pudemos observar na primeira fase de diagnóstico do Projeto “Deixa a Mana Jogar”, - que envolveu a realização de entrevistas e grupos focais com gestores e outros profissionais da FAS, ligados a projetos nas comunidades Tumbira e Três Unidos e outras comunidades tradicionais do Amazonas, - além dos aspectos socioeconômicos já apresentados, essas comunidades têm formas de organização social baseadas nas relações familiares. Essa característica se aproxima das pesquisas que indicam a forte participação da família como norteadora da divisão sexual do trabalho nas comunidades tradicionais da Amazônia.

O “Diagnóstico de Gênero no Amazonas: políticas públicas e inclusão de mulheres”, publicado pela FAS em 2020, já aponta algumas especificidades do estado do Amazonas com relação à divisão sexual do trabalho, onde enfatiza que uma particularidade encontrada na região: uma alta taxa de participação nas atividades domésticas de filhas/os e outras/os pessoas que vivem no domicílio, em comparação com os dados nacionais. Contudo, essas taxas de trabalho doméstico são menores entre homens, indicando uma perpetuação da divisão sexual do trabalho, onde as mulheres e meninas seriam as principais encarregadas dos cuidados domésticos (FAS, 2020).

Tal marcador é fundamental para dar suporte às atividades, temas e intervenções do projeto, junto às meninas participantes, uma vez que a aproximação desse público com seus familiares atravessa temas sensíveis que envolvem as relações de gênero: vulnerabilidades, desigualdades e o acesso aos direitos sociais, econômicos e sexuais de meninas e mulheres.

### 3.1. A comunidade Tumbira



Comunidade Tumbira vista de cima

Fonte: Fundação Amazônia Sustentável (2021)

A comunidade Tumbira, localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro, na região denominada Baixo Rio Negro, foi fundada em 1986 através de um fluxo migratório de famílias de outras regiões da Amazônia e do nordeste brasileiro.

Pertencente ao município de Iranduba, a comunidade fica próximo dos centros urbanos e em razão disso, é marcada tanto por práticas tradicionais, como o artesanato e a culinária indígena, quanto por práticas mais modernas, conforme descrito por Nathália Flores, ex-coordenadora de projetos da FAS, que atuou junto à comunidade:

“ As comunidades são impactadas pela proximidade com os centros urbanos, que você consegue ver nas roupas deles [moradores], no jeito de falar. Por essa proximidade, no Tumbira tem mais infraestrutura, tem energia elétrica contínua. As pessoas das comunidades dizem que o Tumbira é a “Nova York” das comunidades (risos) (FLORES, Nathália. Grupo Focal com Líderes de Núcleos da Fundação Amazônia Sustentável (FAS). [Entrevista concedida à Juliana Gonçalves, Amanda Pimentel e Natã Souza Lima], Divulgação Interna. Manaus, AM, 2021) ”

De acordo com as informações que coletamos, a principal atividade econômica e fonte de renda da comunidade é o turismo<sup>4</sup>. Devido a pandemia da Covid-19, essa atividade foi prejudicada, uma vez que, com as medidas de distanciamento social, as pessoas ficaram impedidas de visitar a comunidade. Por essa razão, os moradores começaram a desenvolver outros tipos de trabalhos para gerar renda, como a pesca e extração de madeira<sup>5</sup>.

A comunidade conta com abastecimento de energia elétrica, inicialmente possibilitado pelo programa “Luz para Todos” em 2013 e continuado pelo Projeto Villa Smart, presente também em outras comunidades, e que consiste em um sistema de conversão da energia por meio de painéis que captam a luz solar e transformam em energia elétrica (SILVA, 2016). A comunidade também conta com serviços de telefone e internet e possui um poço artesiano que a abastece com água, a qual é tratada com hipoclorito distribuído por agentes de saúde.

Além disso, a comunidade possui um posto de saúde e duas escolas: a escola de educação infantil Escola Municipal Santa Rita, e a escola de Ensino Fundamental e Médio, Escola Estadual Thomas Eugene Lovejoy, locais onde o projeto será implementado. Estima-se que há 57 alunos na comunidade. Além das matérias tradicionais, o currículo escolar inclui atividades como cultivos na horta pelo sistema de permacultura, cursos variados e palestras, aliadas às atividades de pesca e de roça.

Outro aspecto importante da comunidade Tumbira é a predominância da religião católica. A comunidade possui uma igreja, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que realiza diversos eventos e formações dentro da comunidade. Além disso, todos os anos é realizado um tradicional festejo em alusão à sua padroeira, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que conta não apenas com a participação dos moradores das comunidades, como também de moradores de localidades vizinhas.

<sup>4</sup> Em trabalhos realizados sobre a comunidade, como o de Silva (2016), são apontadas como principais atividades econômicas da comunidade a pesca e o extrativismo madeireiro. O turismo, segundo esses estudos, figuraria como renda alternativa das comunidades. No entanto, nossos interlocutores que atuam diretamente junto às comunidades foram unânimes em afirmar que o turismo é a principal atividade existente na comunidade.

<sup>5</sup> Outra triste consequência da pandemia da covid-19 na comunidade foi a perda de três moradores da comunidade, pertencentes a grupos de risco da doença.





Equipe do projeto no Rio Negro chegando na comunidade Tumbira. Foto: Emile Gomes



## 3.2. A Comunidade Três Unidos

---



Comunidade Tumbira vista de cima

Fonte: Fundação Amazônia Sustentável (2021)

A Comunidade Três Unidos, localizada na Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Negro e na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Puranga Conquista, foi fundada por quatro famílias, que migraram do Solimões e chegaram ao rio Cuieiras em 1991 (JESUS, 2010). É composta por população indígena, da etnia Kambeba, que durante muitos anos deixou de se identificar como indígena em função da violência e discriminação que seu povo foi vítima desde meados do século XVIII na região. A partir da década de 1980, com o fortalecimento do movimento indígena e o reconhecimento de seus direitos pela Constituição de 1988, a etnia Kambeba voltou a se afirmar como indígena e figura hoje como uma importante agente da causa indígena (MACIEL, 2003).

Os Kambeba também são conhecidos como Omágua, sendo assim chamados no Peru, onde também habitam, próximo à Lima. No Brasil, estão organizados em cinco aldeias, quatro delas na região do Médio Solimões (entre Marañ, Alvarães e Tefé) e um grupo no Rio Negro, com concentração no Rio Cuieiras (ISA, 2021). As atividades do projeto serão realizadas com a comunidade indígena localizada no baixo Rio Negro.

Segundo Veras (2019) o nome da comunidade faz referência aos três primos de seu Valdomiro, patriarca da família extensa que constitui o primeiro grupo étnico que migrou do Rio Solimões para o Cuieiras. “Três Unidos” são, portanto, esses três primos, Carvalho, Paulo e Francisco, que viviam na área onde está localizada a comunidade (VERAS, 2019).

De forma semelhante à comunidade Tumbira, a comunidade Três Unidos também está próxima dos centros urbanos, pertencendo ao município de Manaus, e em função disso, também conta com maior infraestrutura e mais acesso aos serviços públicos. A comunidade conta atualmente com um posto de saúde e possui duas escolas, uma indígena e outra não-indígena. A primeira, denominada como Escola Indígena Municipal Kanata T-Ykua, visa atender a necessidade da população indígena local de acesso ao conhecimento e de manutenção dos saberes tradicionais (Ricardo & Viana, 2019), e a segunda, Escola Estadual Samsung, é onde o projeto será implementado. A Escola Estadual Samsung funciona em dois turnos (vespertino e noturno) e tem capacidade para cerca de 57 alunos.

Além disso, na comunidade Três Unidos, a religião predominante também é a católica. De forma semelhante à comunidade Tumbira, assim como em outras comunidades existentes nas zonas rurais da Amazônia, também realiza-se anualmente uma festa em alusão a um santo católico: a Festa do Divino Espírito Santo.





Entrada da Comunidade Três Unidos. Foto: Emile Gomes



## 4. Implementação: módulos, oficinas e atividades esportivas

Os temas a serem abordados nas oficinas foram organizados a partir de 5 módulos: conceitos, autoestima, violência, saúde e liderança.

Os objetivos de cada módulo são:



1) apresentar o projeto e a metodologia que será aplicada, bem como discutir os seus principais conceitos;



2) oferecer informações aos adolescentes para que possam desenvolver autoconfiança e assertividade;



3) fazer com que os adolescentes possam identificar as formas de violência e conhecer os principais canais de denúncias disponíveis;



4) explorar temas atuais referentes à saúde, indicando aos adolescentes a importância de se proteger e se cuidar;



5) abordar a importância da liderança, visando propor uma reflexão sobre a importância de gerir a própria vida e traçar planos para o futuro.

Todos os módulos são compostos por oficinas e atividades esportivas, ambos com duas horas de duração cada. O modelo das oficinas foi híbrido, sendo composto por 13 oficinas presenciais e duas aulas com atividades remotas. Já no esporte, foram 12 aulas presenciais e oito atividades remotas.

## 4.1. Atividades esportivas

---

As atividades esportivas foram divididas em 20 módulos, sendo 13 presenciais e sete online. O uso das atividades remotas foi necessário por conta do aumento de casos de COVID-19 nas comunidades no período de fevereiro de 2022, também necessário para complementação de carga horária. Os módulos presenciais foram divididos nos seguintes temas: “Conceito de gênero”, “Masculinidade e igualdade de gênero”, “Questões étnico-raciais”, “Violência, cyberbullying e suicídio”, “Saúde menstrual” (este tema foi trabalhado tanto online quanto presencial), “Oportunidade e carreira” e “Torneio de Futebol”. Já os módulos online foram divididos em: “Saúde mental e uso de drogas”, “Fortalecimento da região do core”, “Saúde menstrual - exercícios físicos para o período menstrual”, “Treino esportivo com material reciclável”, “Academia reciclável”, “Fundamentos esportivos - vôlei” e “Fundamentos esportivos - futebol”.

O contato com os alunos das duas comunidades foi gratificante e todos mantiveram-se atentos a cada aula. Com as dificuldades ocasionadas pela pandemia, tivemos que adaptar uma forma online de contato com os alunos, e por isso, foram criados dois grupos na rede social WhatsApp para facilitar a troca de informações, onde os gestores e colaboradores das duas comunidades reuniram os alunos e passaram a lista de contato.

Além disso, também pensamos que, como jovens frequentadores assíduos das redes sociais, mesmo com acesso limitado algumas vezes, a criação de um perfil na rede social Instagram facilitaria a comunicação dos conteúdos e interação com os alunos. Por conseguinte, foi criado o perfil privado na plataforma @deixamanajogar.fas<sup>6</sup>, com conteúdos das oficinas remotas e possibilidade de comunicação dos alunos por meio dos comentários e de envios de mensagens diretas (bate-papo da plataforma).

Nesse perfil, somente os alunos e os colaboradores do projeto são aceitos, pois também é um meio de possibilitar um ambiente seguro para que todos possam expressar suas opiniões. Outro ponto importante foi o uso da ferramenta em momentos de interação com perguntas e respostas dos alunos, assim sendo possível verificar se eles estavam absorvendo os assuntos propostos.

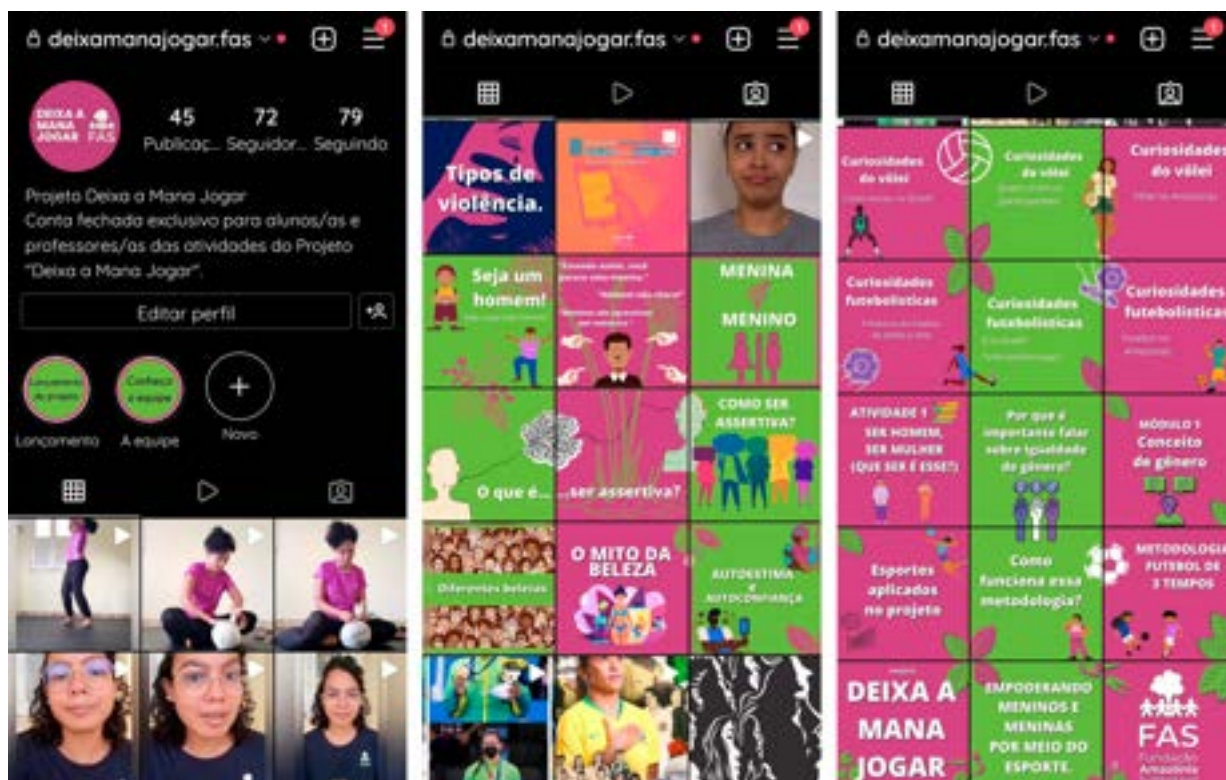
<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/deixamanajogar.fas>> Acesso em: 18 abr. 2022.



Professora Emília em campo na comunidade Três Unidos.

Foto: Emile Gomes





Prints do perfil privado do Instagram do Projeto. Foto: Acervo

A utilização do Instagram facilitou a aplicação de atividades de modo remoto. No dia seguinte ao envio do conteúdo, eram colocadas, no modo “Stories”, perguntas relacionadas ao assunto. A facilidade de aplicação de questionário foi positiva pois o próprio aplicativo gera dados em porcentagem, sendo possível verificar a abrangência da assimilação do assunto, a exemplo:

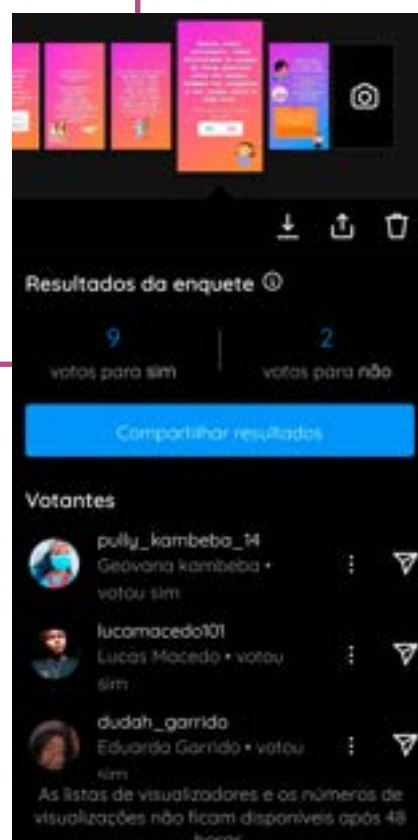
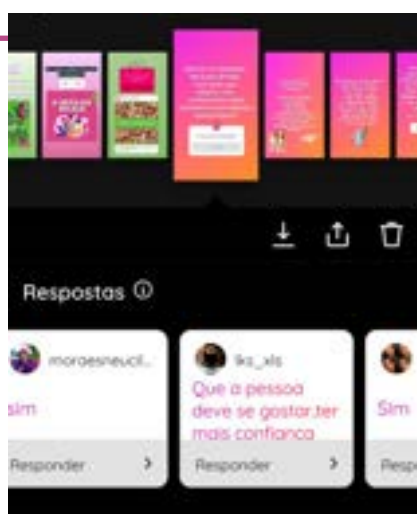




Atividade “Conceito de gênero”, foi realizado algumas perguntas sobre profissões e os alunos deveriam informar se era uma profissão masculina ou feminina.

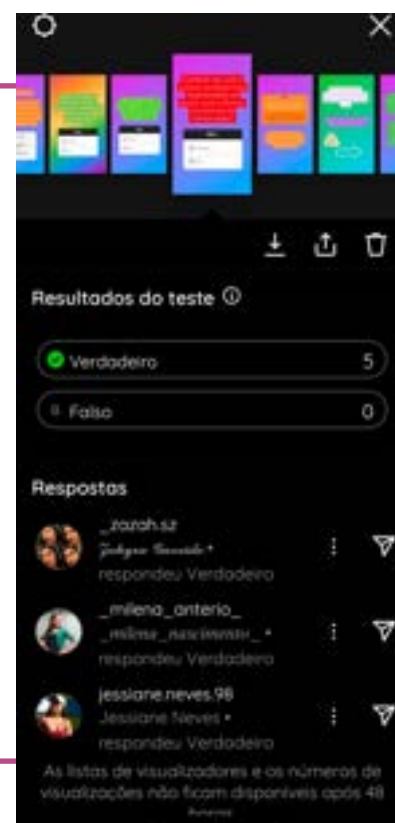


Atividade remota “Corpo e aceitação”, na qual foram explicadas as diferentes belezas, autoestima e padrão de beleza. As alunas interagiram por meio das postagens no Stories do Instagram.



Atividade da oficina remota “Tipos de violência”, na qual foram explicadas as violências sofridas por mulheres, ainda explanando sobre a diferença entre violência física, psicológica, sexual e patrimonial.

Atividade remota “Saúde Menstrual” sobre exercícios físicos que podem ser realizados durante o ciclo menstrual. Foi interessante ter uma percepção sobre a opinião dos meninos sobre o assunto.



A princípio, seria utilizado o mesmo plano de aula para os dois locais, mas durante a aplicação foram necessárias diversas adaptações. Uma das situações ocorreu na comunidade Tumbira, pois devido à alta temperatura, as aulas foram realizadas em campo aberto; porém, não haviam árvores ao redor e muitas vezes os alunos não conseguiam ficar muito tempo em uma mesma atividade, tendo sempre que dinamizar e modificar os procedimentos para ater a atenção deles nas aulas.

Algumas vezes, foi preciso adaptar a aula em um local de cobertura, que era pequeno para a quantidade de alunos, e em outros dias, não era possível realizar atividade pois o local estava ocupado por diversos objetos de marcenaria.

Alunos e alunas discutindo a estratégia do jogo.

Foto: Acervo



Local coberto adaptado para as aulas na comunidade Tumbira.

Foto: Acervo



Já na comunidade Três Unidos, apesar do clima quente, a presença de mais árvores ao redor do campo tornava o clima mais ameno, deixando os alunos mais dispostos a participarem das atividades. Porém, um empecilho foi encontrado na área destinada à prática de vôlei, já que a areia do local é imprópria por conter fezes de animais, o que não a torna viável o uso; acrescenta-se ainda o fato de que todos os alunos treinavam sem tênis. Nas duas comunidades, os alunos não possuíam vestimenta adequada para prática de atividade física: roupas leves - muitos participavam de jeans - e tênis para evitar quaisquer machucados nos pés, sendo fundamental para os próximos projetos, orçamento para estes itens.



Aulas realizadas em campo aberto na comunidade Tumbira.

Foto: Acervo



Campo de areia de vôlei na comunidade Três Unidos.

Foto: Acervo



A construção dos planos de atividades esportivas foi sendo feita à medida em que íamos conhecendo as habilidades dos alunos em atividades práticas. A Educação Física, principalmente no que se refere à Educação Física Escolar, muitas vezes é vista como uma matéria totalmente voltada ao ensino esportivo. Porém, tal senso comum não configura-se como verdade. Apesar de trabalhar o esporte, a vivência com diversos movimentos é ensinada desde os primeiros anos escolares, de maneira controlada e com desafios que ensinam a criança a refinar os movimentos básicos necessários para vida.

Por conseguinte, foi percebido que a maioria dos alunos apresentava falta de experiências em práticas esportivas básicas: correr, saltar, segurar bola etc. Ainda assim, muitos alunos mostraram total aptidão para o esporte, faltando refinamento em seus movimentos. As atividades aplicadas contaram com dinâmicas de jogos e brincadeiras a fim de desenvolver habilidades em grupo, como trabalho em equipe, lideranças, tomadas de decisões, criação de estratégias e noções de respeito, sabendo perder e ganhar. As habilidades individuais trabalhadas foram o desenvolvimento de coordenação motora global, raciocínio lógico e tomada de decisão.



Jogo de vôlei na comunidade Tumbira. Foto: Acervo

Uma das metodologias utilizadas foi a “Futebol de 3 tempos”, que ajudou os alunos a ganharem autonomia e se sentirem responsáveis pelo desenvolvimento da atividade. Adaptando para a realidade do local, o primeiro tempo era o momento de “quebra gelo”, onde os alunos realizavam atividade de aquecimento/alongamento de forma dinâmica. Além disso, era o momento de conversas sobre as atividades e definição de regras, como: não cometer faltas graves propositalmente, não xingar ou ofender o colega, evitar palavrões e comentários ofensivos, não utilizar apelidos pejorativos, entre outros.

No segundo tempo, quando ocorriam as atividades ou o jogo, a professora apenas mediava as interações. Caso houvesse alguma falta no jogo, eles mesmos deveriam parar, dizer o que havia ocorrido e assumir a responsabilidade por seus atos.

No terceiro tempo, era realizado o momento de “volta à calma”, onde eles desaceleravam e era possível haver uma conversa sobre como estavam se sentindo, se houve algo em que se sentiram mal ou ofendidos.



Início de aula, com a definição de regras no Primeiro Tempo, da Comunidade Tumbira.

Foto: Acervo



Momento final de aula no Terceiro Tempo na Comunidade Três Unidos.

Foto: Acervo

### **Comportamento dos alunos Tumbira:**

Na comunidade Tumbira, havia o maior número de alunos, sendo 36 inscritos inicialmente. No ano de 2022, houve apenas uma desistência; outros dois alunos completaram o 3º ano do ensino médio (sendo necessário frequentar a escola para participar do projeto) e duas alunas mudaram de comunidade. Também houveram três alunos novos que se interessaram pelas aulas durante o projeto. Sendo assim, o projeto teve em sua última aula presencial 34 alunos participantes, sendo 13 meninos e 21 meninas.

O uso da criatividade como procedimento metodológico foi fundamental para a interação assertiva com os alunos. A falta de vivência com aulas de Educação Física tornou necessárias explicações sobre “a sala de aula” e o papel do professor de Educação Física e da área de prática esportiva.

Outro ponto foi o acesso à internet. No polo Tumbira, a internet é mais facilitada e em geral todos gostam e usam bastante as redes sociais. No momento da aula prática, era pedido para os alunos que deixassem os celulares em local seguro para não ocorrer o risco de quebrarem. Dentre as atividades aplicadas, em especial na comunidade Tumbira, o foco maior foi nos jogos de estafetas.

De acordo com autores Fonseca e Silva (2011), os jogos de estafetas pertencem à categoria de jogos recreativos e são baseados em corridas, com cada participante percorrendo um mesmo trajeto, buscando realizar em menor tempo. Existem diversas adaptações possíveis para esses jogos, utilizando bola, cone, obstáculos, entre outras formas. O fato de ter poucos materiais disponíveis torna essa atividade a melhor saída para diminuir o ócio no momento da aula.

### **Comportamento dos alunos Três Unidos:**

Com número menor de participantes no projeto, os alunos da comunidade Três Unidos eram mais quietos e atentos, inicialmente contando com 15 alunos. Um fato interessante ocorreu na primeira aula com a aproximação de um adolescente, que por curiosidade, observou a atividade esportiva. Ele foi convidado em seguida pela professora a participar do projeto, e logo depois não faltou em nenhuma aula e participou com afinco de todas as atividades. Um ponto importante nos alunos é que a maioria trabalha para ajudar os pais com venda de artesanato e apresentações para turistas, já



que os moradores da comunidade pertencem a etnia indígena Kambeba. Com isso, algumas vezes a ausência dos alunos era notada, vindo a Manaus comprar material ou participar de algum evento em que a presença deles era solicitada. No decorrer do projeto entrou mais uma aluna e no último dia mais duas alunas e um aluno pediram para participar da aula, totalizando 19 alunos participantes do projeto.

Apesar da diferença de comportamento nas duas comunidades, os alunos demonstraram motivação na participação do projeto e se sentiam felizes durante as aulas. Como relato de participação, muitos agradeceram pela prática esportiva e argumentavam que mudava a rotina deles, trazendo um momento de diversão e aprendizado.



Finalização de manhã de aula.  
Alunos e alunas da comunidade  
Três Unidos.

Foto: Acervo



Final de aula prática.  
Alunas e alunos da  
comunidade Tumbira.

Foto: Acervo



Durante todas as práticas, percebemos a evolução dos alunos, tanto meninos quanto meninas. Nas meninas, foi possível ver o desenvolvimento da autoconfiança, algumas alunas apresentavam uma natural desenvoltura para o esporte e até em posicionamentos de fala. Essa união de jovens tão diferentes reflete na mudança de comportamento das mais tímidas, que passaram a se desafiar participando das atividades.

Vimos muitas alunas de baixa estatura correrem atrás da bola, enfrentando meninos que eram maiores. Tal evolução é gratificante durante o projeto, pois sabe-se que essas experiências refletem na vida pessoal de cada uma.

O empoderamento feminino trabalhado no projeto é demonstrado por meio das práticas esportivas quando as meninas passam a não ter medo de participar e se posicionar diante dos meninos. Já nos meninos, vimos a demonstração de respeito e empatia pelas meninas e por eles mesmos.

Em nossa sociedade, é natural que os meninos tenham mais vivências corporais: correr, saltar, subir muros ou árvores e com isso terem melhor agilidade nas partes práticas. Ainda assim, alguns meninos não tinham aptidão esportiva tão desenvolvida, sendo alguns tímidos e poucos participativos. Foi notado até que os meninos que tinham a composição corporal acima do peso não tinham tanta autoconfiança, até mesmo medo demonstrando a percepção de se sentirem inferiores as meninas.

Ao ensinar sobre igualdade de gênero, passamos sempre a mensagem que todos são iguais na medida de suas diferenças e que todos são capazes de desenvolver as mesmas habilidades.

Outro ponto notado na comunidade é que, apesar da liberdade da vida fora da capital, a maioria dos alunos não pratica qualquer atividade física que não seja voltada para o trabalho ou momentos de lazer. Alguns alunos ajudam seus pais no trabalho da roça, como carregar madeira, entre outras coisas. Com isso, as aulas remotas foram voltadas para a importância da prática de atividade física e qualidade de vida.

Conforme discorrido anteriormente, no mês de fevereiro de 2022, tivemos que adaptar alguns planos de aula para modalidade online, com envio de atividades práticas e de escrita.

O retorno dos alunos não foi satisfatório pois ainda há muita dificuldade

na compreensão da entrega de atividades, que não geram nota como forma de aprovação. Apesar disso, os poucos retornos que tivemos foram emocionantes nas suas formas. Na volta ao módulo presencial, foi possível ver a preferência pela atividade prática coletiva e com a presença do professor. Ao final do projeto, foi possível entregar uniformes feitos com material adequado para prática esportiva, porém, infelizmente ainda sem o uso do tênis como calçado adequado.



Alunas e alunos finalizando aula prática na comunidade Três Unidos.

Foto: Emile Gomes



Aluna da comunidade Tumbira.

Foto: Emile Gomes

## 4.2 Oficinas teóricas

### 4.2.1 Oficina - Gênero e identidade de gênero

Voluntário: Eugênio Ribeiro (Unilever)

A primeira oficina teórica realizada nas comunidades Três Unidos e Tumbira, no âmbito do projeto “Deixa a Mana Jogar”, foi sobre o tema “Gênero e Identidade de Gênero”. Essa foi considerada uma temática fundamental como ponto inicial para promovermos o aprendizado sobre a importância da equidade de gênero. As/os adolescentes compreenderam que a noção de gênero diz respeito ao modo como são construídas socialmente as percepções e comportamentos atribuídos aos homens e mulheres, meninos e meninas.



Oficina sobre “Gênero e Identidade de Gênero” na comunidade Tumbira.

Foto: Acervo



Foi trabalhada a diferença entre gênero e sexo, levando alunas e alunos à compreensão de que o gênero é cultural, que define os papéis e relações sociais atribuídos ao masculino e feminino; enquanto sexo, é a categoria que define a diferença biológica entre os corpos, sobre a qual as normas de gênero incidirão.

Também foram trabalhadas durante a oficina as categorias de orientação sexual e identidade de gênero. Enquanto a noção de orientação sexual aponta sobre os nossos desejos afetivos e sexuais, a noção de identidade de gênero é a percepção íntima que uma pessoa tem de si (como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois), independente do sexo biológico. A identidade de gênero traduz o entendimento que a pessoa tem sobre si mesma, como se descreve e deseja ser reconhecida socialmente. É a identificação subjetiva de uma pessoa sobre seu gênero, ou seja, é a forma como ela se identifica no mundo e para o mundo.



Oficina sobre “Gênero e Identidade de Gênero” na comunidade Três Unidos. Foto: Acervo

Esse debate foi norteado pela noção de respeito como uma chave para compreender as diferenças em torno do gênero, e sobretudo, combater os preconceitos, cultivando relações respeitadas.

#### 4.2.2 Oficina - Comunicação não-violenta

Voluntários: César Alves Ferragi e Renan Marinelli Simionato (ambos da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar)

As oficinas sobre comunicação não-violenta foram fundamentais para a continuação do debate sobre respeito que havia sido iniciado durante a oficina anterior. A partir da temática de gênero, percebemos que os recursos da Comunicação Não-Violenta (CNV) podiam ser muito úteis para exercitar com alunas e alunos do projeto, temáticas sobre a equidade, o respeito, a atenção e a percepção sobre os momentos de falar e ouvir.



Dinâmica das cartas na oficina sobre “Comunicação Não Violenta” na comunidade Tumbira.

Foto: Acervo



Nessa oficina foram utilizadas cartas ilustradas como material didático principal. A partir da divisão das/os adolescentes entre grupos, eram criadas histórias sobre significados de violência e significados de respeito. As ilustrações das cartas eram o ponto de partida para a imaginação das alunas e alunos sobre essas categorias e lhes permitiam estabelecer significados sobre violência, respeito e valores sobre as relações de gênero. A partir das conversas facilitadas pelas dinâmicas com as cartas, um diálogo era aberto sobre como desenvolver uma postura comunicativa respeitosa e não-violenta.



Oficina sobre “Comunicação Não Violenta” na comunidade Três Unidos. Foto: Acervo



### 4.2.3 Oficina - Autoestima e relações étnico-raciais

Voluntária: Thais Kokama (Grafismo Indígena Kokama)

FAS: Valcleia Solidade e Lucas Sarraff

Foram realizadas dinâmicas educativas e rodas de conversa com os alunos das escolas estaduais Thomas Eugênio Lovejoy (Tumbira) e Samsung (Três Unidos), sobre autoestima, com foco nas relações étnico-raciais. Através das condutoras das oficinas, mulheres negras e indígenas, buscou-se levar o centro do debate reflexões sobre pertencimento identitário e valorização cultural.

A primeira atividade foi realizada com o uso de um espelho, onde as/os participantes refletiam sobre o que viam diante do reflexo, como percebiam sua aparência, sua beleza e para que a partir disso pudessem destacar qualidades em si. Em seguida ocorreram debates sobre como todos se sentiram ao realizar o exercício. Em seguida, foi realizada outra atividade que buscava apresentar o significado de “autoestima” a partir das realidades identitárias de cada comunidade.

A comunidade Três Unidos é composta por uma maioria de mulheres, da etnia Kambeba. Lá, o aprofundamento do diálogo sobre autoestima a partir da etnicidade foi bem forte e possibilitou momentos bonitos de troca intercultural entre as palestrantes -principalmente Thais Kokama- e as adolescentes participantes do projeto.



Roda de Conversa sobre “Autoestima e Relações Étnico-raciais” na comunidade Três Unidos.

Foto: Acervo



Oficina sobre “Autoestima e Relações Étnico-raciais” na comunidade Tumbira. Foto: Acervo

As oficinas tiveram ótima repercussão entre as/os participantes. Na comunidade Três Unidos (Kambebe), a participação foi atenciosa e tocou no aspecto da valorização étnica das alunas e alunos. Na comunidade Tumbira, o desafio foi de que as/os participantes mantivessem o foco, mas ainda assim, as conversas e interações alcançaram o objetivo do módulo e do projeto.

#### 4.2.4 Oficina - Violação de direitos e bullying

Voluntárias: Gabriela Marinho (Advogada)

FAS: Bruna Lima Queiroz da Silva

Foram realizadas oficinas sobre Violação de Direitos e Bullying nas escolas estaduais Thomas Eugênio Lovejoy (Tumbira) e Samsung (Três Unidos). A primeira atividade teve formato de palestra, abordando noções sobre família, proteção e direitos de crianças e adolescentes segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

A explanação seguinte tratou de apresentar os significados de bullying e cyberbullying além de seus desdobramentos, a partir de exemplos como vazamentos de nomes, exposições constrangedoras e criminosas na internet. No segundo momento, foi realizada uma roda de conversa com dinâmica sobre bullying, onde os alunos precisavam escrever em um post-it, ofensas que já sofreram na vida. As notas foram misturadas e cada um precisava ler as anotações do outro, para refletir sobre como as dores das violências e do bullying repercutem na vida das/dos adolescentes.

Na finalização das oficinas, as/os participantes precisaram escrever elogios, como respostas às anotações que já haviam sido realizadas, como uma resposta às ofensas que foram lidas anteriormente.



Oficina sobre “Violação de Direitos e Bullying” na comunidade Três Unidos. Foto: Acervo

Na comunidade Três Unidos, houve mais abertura para a sensibilização a partir das dinâmicas, principalmente sobre a temática do bullying. O maior desafio foi promover a sensibilização sobre as formas de violência entre alunos na comunidade Tumbira.





Oficina sobre “Violação de Direitos e Bullying” na comunidade Três Unidos. Foto: Acervo

Durante a dinâmica sobre bullying, os alunos na comunidade Tumbira tiveram de ser duramente confrontados pela equipe do projeto, pois liam os relatos de ofensas de outras pessoas e riam. A partir desse processo de confrontação, as/os adolescentes se sentiram mais tocados pelas dimensões das violências e do bullying, promovendo certa catarse dos sentimentos contidos. Na comunidade Tumbira, o acesso à internet é mais recorrente do que na comunidade Três Unidos, portanto, houve mais reforço e diálogo sobre o conceito de cyberbullying.

#### 4.2.5 Oficina - Saúde menstrual e sororidade

Voluntárias: Ana Vitória Gomes (Coletivo As Amazonas), Nathalia Cavalcante (Coletivo As Amazonas) e Thais Zuanetti (Fotógrafa)

As oficinas sobre “Saúde Menstrual e Sororidade” foram realizadas em parceria com o coletivo As Amazonas, iniciativa que atua realizando, ativismos, projetos e oficinas sobre saúde menstrual e empoderamento de mulheres no estado do Amazonas.



Atividade durante a oficina de “Saúde Menstrual e Sororidade” na comunidade Tumbira.

Foto: Emile Gomes

Foram apresentadas algumas informações sobre saúde menstrual e discutidos os aspectos biológicos da menstruação, os desconfortos e dores que pode causar, além de técnicas de cuidado para minimizá-los. Também ocorreu um debate sobre os tabus em torno da menstruação, e como a sororidade (o fortalecimento mútuo de mulheres) é fundamental para desconstruir tabus, preconceitos e lidar com dilemas em torno da menstruação e de “ser mulher”.



Na comunidade Tumbira, houve uma atividade desenvolvida com a musicalidade, onde a partir de canções tocadas, os alunos e alunas tinham que identificar letras que continham machismo e homofobia.



Atividade sobre o Dia Internacional das Mulheres, durante a oficina de “Saúde Menstrual e Sororidade” na comunidade Três Unidos.

Foto: Emile Gomes

Na comunidade Três Unidos, a atividade culminou no Dia Internacional das Mulheres (08 de março), cujo conjunto temático estava alinhado à proposta da oficina. Assim, houve uma construção coletiva de cartazes em que as alunas e alunos elaboraram definições sobre ser mulher e desejos em torno do empoderamento e fortalecimentos dos direitos das mulheres.



#### 4.2.6 Oficina - Oportunidade, carreiras e futuro

Facilitadora Supervisora Consultora do Projeto: Juliana Gonçalves

Nessa oficina foram apresentadas algumas informações sobre possibilidades de formação técnica ou acadêmica, estratégias de desenvolvimento profissional, quais as formas de obter auxílios e bolsas de estudo.



Atividade durante a oficina de “Oportunidade, carreiras e futuro” na comunidade Três Unidos.

Foto: Emile Gomes

Num segundo momento, foi explicado sobre as profissões do futuro e as diferenças entre hard skills e soft skills, um novo conhecimento para que os/as adolescentes se preparassem para entrevistas no mercado de trabalho. Para fixar as profissões do futuro, a equipe do projeto realizou uma atividade de mímica com post-its, em que elas/eles tinham que descobrir as diferentes profissões existentes no mercado, indo além das profissões existentes na comunidade.

Durante a oficina, alguns alunos/as da comunidade Tumbira comentaram sobre o desejo de estudar e trabalhar em Manaus. Assim, o esforço foi de apresentar as possibilidades de vida, trabalho e benefícios sociais que podem ajudá-los a consolidar o futuro. Houve bom engajamento das alunas e alunos na discussão sobre as universidades disponíveis e cursos de formação.

## 5. Avaliação final do Projeto

Após a realização da última oficina do projeto “Uma vitória leva à outra no Amazonas”, conhecido como “Deixa a Mana Jogar” nas comunidades Três Unidos e Tumbira, a equipe aplicou questionários de avaliação com alunas e alunos do projeto que estavam presentes durante as atividades finais. De modo geral, pudemos constatar o aproveitamento das/dos adolescentes participantes dessa longa jornada que envolveu a realização de atividades esportivas e teóricas, tanto de modo presencial quanto virtual.



### Comunidade Três Unidos



**10** participantes responderam à avaliação final

declarou já ter participado de alguma atividade física

**50%**

**50%**

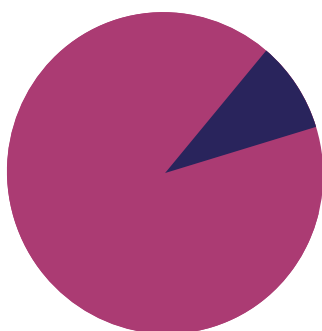
indicou nunca ter participado de qualquer atividade física



### Comunidade Tumbira

**26** participantes responderam à avaliação final

**07** alunos indicaram nunca ter participado de qualquer atividade física



**7%** nunca havia realizado atividade esportiva

**73%** já havia realizado alguma atividade esportiva

Vale ressaltar que as duas comunidades alvo do projeto não têm aulas de educação física no currículo escolar. Esse foi um dos desafios encarados pelo Projeto “Uma vitória leva à outra no Amazonas”, pois as alunas e alunos não tinham o hábito coletivo de praticar esportes, nem as comunidades dispunham de materiais esportivos adequados ou em boas condições, ou mesmo, espaço físico para as práticas.

Através do Projeto “Uma vitória leva à outra no Amazonas”, uma lacuna na ausência de recursos para as práticas esportivas foi sanada, pois houve investimento na compra de bolas, redes, cones, cordas, entre outros materiais úteis para que as atividades esportivas do projeto tivessem êxito.

#### Recursos materiais para o projeto

**100%** das/os participantes na comunidade Três Unidos indicaram não sentir falta de recursos

**88,5%** das/os participantes na comunidade Tumbira indicaram não sentir falta de recursos



Apesar desse dado, os recursos materiais permanecem um desafio para a realização de práticas esportivas nas comunidades alvo do projeto, tanto pela perecibilidade dos materiais utilizados, quanto pela falta de calçados adequados para as alunas e alunos, quadras cobertas que protejam do calor e das chuvas intensas, típicas da região amazônica.



### **Avaliação do projeto\***

**Atribuição de valor de 0 (experiência péssima) a 10 (experiência excelente)**

- ✓ Avaliação pelos alunos da Comunidade Três Unidos do projeto: **9,8**
- ✓ Avaliação pelos alunos da Comunidade Tumbira do projeto: **9,6**
- ✓ Avaliação pelos alunos da Comunidade Três Unidos da didática dos professores: **9,7**
- ✓ Avaliação pelos alunos da Comunidade Tumbira da didática dos professores: **9,5**
- ✓ Avaliação pelos alunos da Comunidade Três Unidos da didática dos voluntários: **10**
- ✓ Avaliação pelos alunos da Comunidade Tumbira da didática dos voluntários: **9,3**

\* Essa pequena diferença nas notas pode estar relacionada a um pequeno evento entre uma das voluntárias na última oficina realizada na comunidade Tumbira, que provocou reações de descontentamento entre algumas alunas e alunos, sendo rapidamente mitigada pela equipe do projeto. Do mesmo modo, ao serem perguntadas se foram ofendidas/os por algum professor/a, o índice de respostas foi totalmente negativo na comunidade Três Unidos, mas teve duas menções dentre as 26 respostas obtidas pelas participantes da comunidade Tumbira.



### Aprendizado sobre empoderamento feminino

Nota: **8,9** na comunidade Tumbira

Nota: **8,7** na comunidade Três Unidos



### Indica o projeto para outras pessoas? Alunos responderam:

Nota: **10** na comunidade Tumbira

Nota: **9,8** na comunidade Três Unidos

Esses dados demonstram o potencial de legado do projeto “Uma vitória leva à outra no Amazonas” nas comunidades alvo, uma vez que é característico das comunidades tradicionais da Amazônia, o desejo de perpetuação de programas, projetos e ações de impacto social que produzem benefícios coletivos.

O valor social do projeto “Uma vitória leva à outra no Amazonas” é mais uma vez demonstrado quando perguntamos se as alunas e alunos gostariam que o projeto continuasse, onde obtivemos uma média de nota 10 em ambas as comunidades, como as destacam as falas das/dos adolescentes a seguir:

#### Comunidade Três Unidos:



“ Eu achei perfeito, muito legal, uma oportunidade para a gente conhecer outras pessoas e o que elas trazem de conhecimento para gente. Vocês trazem muitos conhecimentos para nós. ”



“ Bom, eu achei o projeto muito muito legal, bacana, divertido e muito interativo, é muito excelente. ”

### Comunidade Tumbira:



“ Eu achei legal e muito importante para nós, quero dizer que gostei muito e quero agradecer vocês e dizer o quanto vocês são especiais pra nós. Obrigada por tudo. ”



“ Eu só quero agradecer a todos vocês, o projeto foi excelente e espero que continue. Eu não tenho reclamação a fazer, obrigado por vocês terem trazido esse projeto. ”



“ O projeto foi ótimo, os professores mostraram para nós como é nossa realidade e isso é muito interessante, então foi ótimo. ”



“ Eu gostei muito do projeto, quero que elas voltem para a gente aprender muito mais. Obrigada professoras, gostei de todas as aulas e atividades. ”



## Pessoas que colaboraram com o projeto



Cozinheiras do Tumbira.

Foto: Emile Gomes



Alberta, gestora do núcleo Tumbira e Ferdinando, gestor do núcleo Três Unidos.

Foto: Emile Gomes



Equipe técnica do Projeto.

Foto: Emile Gomes



Parceiros/as e executores/as do projeto. Foto: Emile Gomes

Alunos e alunas do Três Unidos refletindo sobre aprendizados do jogo.

Foto: Emile Gomes



Foto: Emile Gomes



## 6. Conclusões

O projeto Uma vitória leva à outra no Amazonas mostrou-se extremamente bem sucedido a partir da avaliação dos alunos e alunas como também pelos impactos apontados pelos professores, atores e voluntários do projeto. Dentre os pontos, gostaríamos de ressaltar:



Aluno e aluna sorrindo da comunidade Três Unidos. Foto: Emile Gomes

### Equilíbrio entre meninos e meninas:

A participação mista dos meninos e meninas foi muito satisfatória pois acabou com a segregação de grupos apartados por gênero, criando um diálogo e empatia durante os jogos. Além disso, trouxe um entendimento por parte dos meninos sobre as questões dos direitos e saúde das meninas, prevenindo assédios contra elas.



Dois alunos da comunidade Tumbira se abraçando. Foto: Emile Gomes

### Meninos e meninas refletiram sobre suas autopercepções e tratamentos entre si

Passaram a entender que apelidos e xingamentos são formas de violência cotidiana, e que bullying pode gerar consequências graves como depressão ou até mesmo suicídio.



### Momento de descontração e momentos de foco:

Como os jovens são da geração da internet, distraem-se muito facilmente; desta forma, um dos temas mais mencionado junto com os jovens foi a importância do foco, trazendo o mindfulness e auto conhecimento como ferramentas de foco. Essa abordagem trouxe muitos benefícios na concentração dos adolescentes para que conseguissem realizar os exercícios propostos e levar essas práticas para concretização de seus objetivos de vida.

Toda a equipe do projeto está muito feliz com os resultados alcançados, principalmente com a satisfação de 100% dos alunos que desejam que o projeto continue. Ficamos na expectativa para que haja parceiros e financiadores que se interessem pelo projeto para que o impacto seja realizado em outras comunidades.



Alunos e alunas assistindo oficina com a supervisora Juliana Gonçalves. Foto: Emile Gomes

# Créditos e Agradecimentos – Alunas e Alunos do Projeto:

## TRÊS UNIDOS

Adriane Cristina Xavier  
Antonio Araújo  
Cristiano Cruz  
Daniel Cruz  
Daniele Cruz  
Geovana Silva  
Ingrid Dias  
Julia Diniz da Silva  
Neucilane Moraes  
Ramilson Silva  
Taila Vagem  
Tailo Pontes  
Tailane Cruz  
Tainara da Costa Cruz  
Tauana da Costa Cruz  
Thais Araújo  
Vitória Contreira  
Rayara Silva  
Suzana Pontes Carvalho  
Woxiton Pontes Carvalho

## TUMBIRA

Ana Lise Chaves da Silva  
Carlos Renan Castro de Souza  
Cristiane de Antério Macedo  
Deiziele Deuxa Lima dos Anjos  
Eloísa Galvão de Almeida  
Estefany Mendonça  
Fabiano de Macedo  
Fernanda Matos  
Gabriel Mendonça  
Gerlane de Mendonça  
Gonsalo Camelo dos  
Jesseane Mendonça  
Joiciane Antério  
Joicimara Antério  
Julia Farias Antério  
Kennedy Mendonça  
Larissa Santos da Silva  
Leon Rafael Garrido  
Lucas de Souza Sena  
Lucas Patrick Macedo  
Mailson Garrido dos Santos  
Marcela da Silva dos Santos  
Márcio Mato da Silva Santos  
Maria Eduarda Garrido  
Maria Helena Garrido  
Maria Ozane Lima da Santos  
Milena Antério Nascimento  
Mirela Azevedo Aquino  
Natalia Siqueira de Aquino  
Natalia Nogueira  
Paulo César Lima dos Anjos  
Romeu Azevedo Mendonça  
Ruan Marinho Barbosa  
Sérgio Henrique  
Vitória Lorena Almeida  
Vitória Maria Garrido Sena  
William Gabriel Ramos dos Santos  
Yasmim Vitória Albuquerque de Souza  
Zahyra Helena Garrido

## Apoio nas comunidades:

Rafael Sales (Chefe dos Núcleos FAS)  
Alberta Pacheco (Gestora do Núcleo Tumbira - FAS)  
Ferdinando Amorim (Gestor do Núcleo Três Unidos - FAS)  
Antonia Madalena Rodrigues (Gestora da Escola Estadual Thomas Lovejoy)  
Edna Pereira (Professora da Escola Estadual Thomas Lovejoy)  
Janderson da Silva e Alcino da Silva (Transporte escolar)  
Sebastiana Rodrigues, Maiara Garrido (Cozinha - Tumbira)  
Socorro Pontes, Tatiane Pereira (Cozinha - Três Unidos)  
Lucia Braga, Sulinete Dias, Marina Melquiades e Wiliian Soares (Apoio)

## Apoio FAS:

Aretha Alves Pereira  
Alexandre Barbosa  
Ariane Barbosa  
Cassio Emanuel  
Carlos Roberto Bueno  
Cleide Lima  
Elinaldo Costa  
Emile Gomes  
Eunice Venturi  
Ezequias Oliveira  
Gilmara Danta  
Júlia de Freitas  
Jose Allan da Silva  
Kiviane Ribeiro  
Nelise Galvão  
Tainá Caldas  
Victor Salviati





# Fundação Amazônia Sustentável (FAS)

Fundada em 2008 e com sede em Manaus/AM, a Fundação Amazônia Sustentável (FAS) é uma organização da sociedade civil e sem fins lucrativos que dissemina e implementa conhecimentos sobre desenvolvimento sustentável, contribuindo para a conservação da Amazônia.

A instituição atua com projetos voltados para educação, empreendedorismo, turismo sustentável, inovação, saúde e outras áreas prioritárias. Por meio da valorização da floresta em pé e de sua sociobiodiversidade, a FAS desenvolve trabalhos que promovem a melhoria da qualidade de vida de comunidades ribeirinhas, indígenas e periféricas da Amazônia.

## Confira os programas da FAS:

|                                                                     |                                                                                                                                                                          |
|---------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Programa de Gestão e Transparência (PGT)</b>                     | Por meio de mecanismos e instâncias de gestão, o PGT atua junto à comunidade interna, com planejamento e avaliação de resultados de programas e projetos.                |
| <b>Programa Floresta em Pé (PFP)</b>                                | O PFP está focado em quatro ações estratégicas: geração de renda, empreendedorismo, infraestrutura e empoderamento comunitário.                                          |
| <b>Programa Saúde na Floresta (PSF)</b>                             | Resultado de ações da Aliança Covid Amazônia, o PSF qualifica o acesso à saúde, com políticas públicas e capacitações de profissionais da área.                          |
| <b>Programa de Educação para a Sustentabilidade (PES)</b>           | Os trabalhos do PES são voltados à formação de crianças e adolescentes, garantindo oportunidades para uma educação mais inclusiva e de qualidade.                        |
| <b>Programa de Soluções Inovadoras (PSI)</b>                        | Com base em tecnologias sociais e soluções para a sustentabilidade desenvolve-se o PSI, cujos trabalhos focam em parcerias técnicas em PD&I.                             |
| <b>Programa de Empreendedorismo e Negócios Sustentáveis (Pensa)</b> | O Pensa auxilia empreendedores de comunidades ribeirinhas e indígenas com incubadora, cursos, oficinas e consultorias para gerir negócios inovadores e acessar créditos. |



### Contato:

Manaus / Amazonas

Rua Álvaro Braga, 351 Parque 10 | CEP 69054-595 |

(92) 4009-8900 / 0800 722-6459

[fas-amazonia.org](http://fas-amazonia.org)



[/fasamazonia](#)

### Parceria:

Secretaria de  
**Educação e  
Desporto**



**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO